

# A Família que Voltou

*George May*

**A**S DIFICULDADES da família Biro começaram em 1947, quando um recém-chegado se mudou para a casa contígua à barbearia de Tony Biro em Vancouver, na Colúmbia Britânica, Canadá. Sempre que Tony tinha uma folga, o vizinho, que era húngaro, aparecia no salão e punha-se a contar maravilhas da vida na Hungria Vermelha. Às vezes, trazia livros e revistas.

—Veja isto—dizia, entusiasmado, mostrando uma fotografia.—Uma creche para os filhinhos dos operários de fábrica! Já ouviu falar em coisa semelhante antes da guerra?

Tony mostrava-se interessado. Sua esposa e os dois filhos eram naturais do Canadá, mas êle nascera no antigo



GEORGE MAY, natural da Hungria, trabalhou como repórter de imprensa nos Balcãs antes da Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra esteve quatro anos na Hungria como correspondente do *Times* de Londres e da Agência Reuters. Foi um dos últimos jornalistas que saíram quando foi descida a Cortina de Ferro.

---

*O que aconteceu a uma família húngaro-canadense que cedeu à propaganda aliciadora de ir viver atrás da Cortina de Ferro*

---

Império Austro-Húngaro e ainda tinha parentes na Hungria. A instâncias de seu novo vizinho, Tony filiou-se ao Clube de Trabalhadores Húngaro-Canadenses e comparecia aos seus espetáculos teatrais, bailes e conferências.

Assistindo a uma destas últimas ouviu Joseph Balogh falar sobre a nova Hungria. Balogh se transferira para o Canadá entre uma e outra guerra, mas voltara para Budapeste, em 1948. Não tardou que os comunistas o mandassem de volta ao Canadá, em viagem de propaganda. O conferencista sabia convencer. Tinha visto o milagre com os próprios olhos e agora instava com os húngaros-canadenses para que tornassem à pátria com suas novas habilidades, suas

ferramentas e seu dinheiro. “A Hungria”, dizia êle, “é um lugar de grandes oportunidades e precisa de vós!”

Cada vez com mais freqüência Tony começou a encontrar-se com pessoas que “iam voltar”. No verão de 1950, êle e sua espôsa Helen resolveram juntar-se a essas pessoas.

Tony vendeu a barbearia, encaixotou suas coisas e tirou do banco seus 10.000 dólares de economias. Com a espôsa e os dois filhos, Dick, de 11 anos, e Jimmy, de dois anos e meio, o barbeiro rumou primeiro para a Inglaterra. O consulado húngaro nesse país permitiu-lhes conservar os passaportes tirados no Canadá e deu-lhes um “documento de viagem” húngaro.

Na fronteira da Hungria, funcionários vermelhos gastaram duas horas examinando-lhes os papéis e revistando-lhes a bagagem e o trem todo, que por sinal estava vazio. Os Biros assistiram àquilo consternados. Êles nunca podiam supor que as portas do paraíso fôsem tão zelosamente guardadas.

Ao chegarem a Budapeste, os Biros e um grupo de outros repatriados recentes foram saudados por Balogh com um discurso.

—A Hungria—arengou êle—dá as boas-vindas a seus filhos que voltam. Se precisarem de algum auxílio, venham ao meu escritório. A nossa tarefa é ajudá-los.

Os Biros passaram a primeira noite num hotel do Estado, onde lhes cobraram o equivalente a 16 dólares

e 50 centavos pelo quarto. Antes mesmo de desfazerem suas malas, um empregado do hotel deu-lhes o seguinte conselho: “Não falem! Nunca se sabe quem é a pessoa que está perto!”

Na manhã seguinte, quando Helen desceu para pedir a primeira refeição, disseram-lhe que ela devia ir pessoalmente ao armazém. Um funcionário da gerência escreveu para ela em húngaro as coisas que Helen queria para as crianças—pão, leite, manteiga, geléia, suco de fruta—e mandou-a ao armazém do Estado mais próximo. Aí uma caixeira pouco asseada vendeu-lhe um naco de pão e mandou-a a outra loja para comprar o leite. As caixeiras riram e abanaram a cabeça quando Helen indicou as palavras “geléia e manteiga” que constavam da lista.

Naquela manhã, quando Tony foi depositar o seu dinheiro canadense no Banco Nacional, disseram-lhe que sòmente podia retirar *forints* à razão de 11 *forints* por dólar canadense. A êsse câmbio, a mais simples refeição do tipo “menu popular” num restaurante ficava para os Biros em mais de oito dólares.

Depois, Tony começou a procurar apartamento. Vendo que não conseguia nenhum, êle dirigiu-se ao escritório de Balogh. A pequena sala de espera estava apinhada de ex-canadenses, cada um dos quais contava as suas aflições. Uma mulher queixava-se de estar procurando apartamento há meses. Um môço dizia que não conseguia emprêgo porque em

tôda a parte o rejeitavam por ser "americano". "O senhor", alegavam os repatriados, "prometeu-nos empregos aqui. Onde estão êles?"

Balogh parecia embaraçado. Sua missão, que consistira em atrair tôda aquela gente para a Hungria, estava terminada. Agora êle não era mais que uma rodinha sem importância na vasta máquina burocrática.

Dentro de um mês Tony e Helen verificaram que não podiam ficar na Hungria. Quando o marido foi comunicar isso a Balogh, êste disse: "Psiu! Não diga tal coisa! Você podia ir parar num campo de internação! Que seria então de sua família?"

Depois foi a longa espera . . . de três anos!

Tony andou inútilmente sete meses à cata de emprêgo. Afinal admitiram-no em uma cooperativa de barbeiros e, mediante o pagamento duma importância equivalente a 50 dólares, teve licença de trabalhar num quartel para oficiais da polícia. Como era um bom profissional, em Vancouver ganhava de 75 a 125 dólares por semana. Na Hungria tirava uma média de 18 dólares, cêrca de três dos quais eram deduzidos para fins tais como assinaturas de órgãos do partido, aquisição "espontânea" de títulos do Estado, etc.

Os dois grandes mêdos de Tony eram ser prêso e ficar sem as suas economias. Sua paga mal dava para uma têrça parte das despesas domésticas de alimentação, aluguel e combustível. "Que se pode fazer", indagava êle, "quando os ovos custam

quase 40 centavos de dólar, cada um, um quilo de batatas custa 60 centavos e a manteiga é vendida a seis dólares o quilo?"

Helen levantava-se diàriamente às 4 e 30 da manhã para ir suficientemente cedo à loja mais próxima comprar leite. Os armazéns só abriam às 6 horas, mas quando Helen chegava já havia uma fila à espera. O povo andava faminto e mal-humorado. Quando, uma vez ou outra, uma mulher desmaiava, não lhe permitiam voltar ao seu lugar na fila, tinha de voltar ao fim. Freqüentemente, quando corria a notícia de que se estava esgotando a provisão de carne ou de farinha, estabelecia-se enorme balbúrdia na bicha, e no meio da confusão mulheres com criancinhas nos braços eram às vêzes derrubadas.

O problema da habitação era tão grave que algumas das mais feias favelas de Budapeste, há muito condenadas como impróprias para moradia, estavam mais apinhadas do que nunca. Negando por um lado a crise de residencias, o Estado por outra parte a reconhecia permitindo o pagamento de luvas. Consistiam estas em pagar a um inquilino que se retirava certa importância, em troca do direito de ocupar seu apartamento—e o Estado recebia uma gorda comissão sôbre a transação.

Os Biros pagaram 2.000 dólares de luvas em um apartamento de dois quartos e gastaram mais 200 dólares em consertos indispensáveis. O apartamento raramente recebia calefação no inverno, e quando êles arran-

jaram emprestado um pequeno fogão de ferro (comprar era impossível), Helen teve de acrescentar às suas outras obrigações a de se pôr na fila com um balde para obter alguns quilos de carvão de inferior qualidade.

Assim se ia arrastando a vida, com a luta diária para a manutenção e o aquecimento. Uma vez por ano tinha lugar a visita das comissões do “empréstimo da paz” para extorquir um mês de pagamento (“É pela paz ou a favor de Wall Street?”) De vez em quando havia momentos de alegria: pelo Natal de 1952 foram postas à venda laranjas por 4,20 dólares o quilo.

A maior preocupação do casal eram os dois filhos. Quando Jimmy fêz 4 anos, Helen levou-o ao jardim da infância. Embora a maioria das crianças não soubesse ler, a máquina da propaganda não as poupava. Havia a costumeira trindade de retratos—Lênine, Stalin e o Primeiro Ministro húngaro Rakosi. O catecismo vermelho era explicado com estas simples palavras de grande realismo: “Crianças, existe um vilão chamado Wall Street, que tenta matar os bebês e fazer morrer de fome os seus pais e mães. Odiai-o!”

Para Dick, a escola era ainda mais árdua. Entrando para ela aos 11 anos, tinha suficiente desenvolvimento para descobrir a grande mentira e ter medo. Depressa se refugiou no silêncio ou na mentira. No segundo dia alguém lhe chamou “imperialista”. Daí por diante, o menino tor-

nou-se objeto de ataques e de ridículo.

Na matéria mais importante da escola, a Política, Dick teve de aprender coisas que êle por experiência própria sabia serem falsas. O tema era apresentado em dois cartazes: um representava três criaturas macilentas—um homem, uma mulher e uma criança—que olhavam com olhos famintos para um insignificante pedaço de carne e tinha como rótulo “Os Estados Unidos”; o outro mostrava uma família gorda e bem nutrida e representava “A União Soviética”.

Nos três anos que Dick passou na escola um menino chegou realmente a levantar-se para contestar as falsidades que a professora papagueava a respeito do Ocidente. No mesmo instante a mestra o aniquilou com esta expressiva advertência:

—Outro dia um menino disse uma coisa semelhante e foi prêso.

Depois da aula, grupos de jovens realizavam comícios políticos durante os quais os oradores se referiam aos “fomentadores de guerra americanos”. Temendo castigo, Dick marchava nas gigantescas paradas que assinalavam as principais datas soviéticas. E, com todos os demais meninos do país, tomava parte no famoso brinquedo juvenil de lançar granadas de mão. Enfrentando durante três anos aquêle constante conflito interior, o rapazinho quase teve um esgotamento nervoso.

Mas o medo que para os Biros sobrepunha todos os outros era o ter-

ror da polícia. Esse terror era duplamente monstruoso porque fazia parte da rotina da existência, sendo uma coisa tão normal como a morte. Milhares de pessoas eram prêsas, vizinhos levavam sumiço e somente o carimbo policial pôsto sôbre as suas portas revelava o seu destino.

Na "Segunda-feira Negra", em maio de 1951, a polícia desencadeou uma deportação em massa dos "subversivos", gente da classe média e pessoas de idade que ocupavam as escassas moradias. Os caminhões da polícia cercaram uma rua, depois as patrulhas foram de casa em casa recolhendo as vítimas. Antes do fim da operação, 30.000 a 40.000 pessoas tinham sido embarcadas em Budapeste para aldeias distantes.

A maioria se entregou sem resistência. Mas uns poucos resistiram. Tony, exercendo o seu ofício de barbeiro na caserna da polícia, viu arranhões em vários rostos que teve de barbear.

—Você compreende—disse-lhe um guarda—havia alguns que descobriam os braços e mostravam os números tatuados quando estiveram nos campos de concentração dos nazistas e gritavam: "Que diferença há entre vocês e os nazistas?" É um trabalho sujo, mas que se há de fazer?

Mas os Biros não desistiam de voltar ao Canadá. Em janeiro de 1951 foram ao KEOKH, a Divisão Estrangeira da Polícia Secreta, pedir permissão para sair. O oficial que os interrogou disse-lhes que o documento de viagem por êles rece-

bido em Londres os tornava cidadãos húngaros. O homem tentou até reter os seus passaportes do Canadá, mas devolveu-lhos após acesa discussão. Finalmente, aconselhou-os a dirigirem-se ao Ministério do Interior e obterem uma declaração oficial de que não eram húngaros. Apenas saíram daquela repartição, os Biros, por segurança, depositaram seus passaportes na legação britânica.

A providência seguinte foi fazerem os necessários requerimentos ao Ministério do Interior. Encontraram um advogado disposto a fazer o trabalho para êles, mas insistiu em que passassem à máquina todos os papéis cujo rascunho êle lhes fornecia.

—Se descobrirem que eu me encarreguei do serviço—declarou o homem—serei prêso por tê-los ajudado a fugir para o Ocidente.

O recurso dos Biros ao Ministério não deu resultado. Voltaram à carga com umas 30 cartas dirigidas à Polícia Secreta, ao Ministério e ao próprio Rakosi. Não obtiveram resposta.

A ansiedade ia começando a deixar marcas visíveis nêles. O cabelo de Helen estava grisalho. Tony estava magro e nervoso. Além disso, tinha-se tornado indiscreto nas suas críticas ao regime. Tôdas as noites a família ia deitar-se temendo uma visita da polícia à meia-noite.

Ao mêdo veio também juntar-se a preocupação de caráter financeiro. Suas economias estavam acabando.

Afinal, em maio de 1953—na con-

fusão que se seguiu à morte de Stalin —conceberam esperanças novas: o Ministro da Inglaterra foi informado de que os Biros teriam licença de sair da Hungria. Quatro angustiosos meses depois receberam súbitamente as licenças para saírem.

Apenas se espalhou a notícia da sua partida, os Biros viram-se assediados por pessoas ansiosas por comprarem os seus haveres. Enquanto a imprensa do Partido publicava líricos relatórios sôbre a abundância de mercadorias no país, o povo lhe dava solene desmentido oferecendo preços fabulosos por roupas usadas, de vestir e de cama, panelas e caçarolas.

Finalmente no trem, os Biros alcançaram a fronteira da Áustria às 11 horas da noite. Um bando de funcionários da fronteira caiu sôbre êles. O trem quase completamente às escuras, permaneceu ali quatro horas e meia . . . enquanto os quatro Biros se conservavam em completo silêncio, cada um com seus próprios pensamentos e temores.

Por fim o trem pôs-se em movi-

mento. Decorrida meia hora, entrou no vagão um novo grupo de homens uniformizados.

—Êles são austríacos—exclamou Helen.

Como se essas palavras tivessem o dom mágico de libertar suas emoções tanto tempo represadas, os Biros começaram a rir, a chorar e a se abraçar. Os funcionários austríacos mostraram-se compassivos. Poucas pessoas saíam da Hungria, mas as que saíam sempre se portavam daquela maneira.

A família Biro está de novo em Vancouver . . . procurando acostumar-se à agridoce alegria de ter voltado. Com dinheiro tomado de empréstimo à família de Helen, êles compraram um instituto de beleza que é dirigido por Helen. Tony voltou à sua profissão de barbeiro. Dick e Jimmy estão na escola e fazendo progressos. Dick mostra-se feliz e satisfeito, mas não quer falar sôbre a Hungria. Tem a impressão de que foi tudo um pesadelo que não convém recordar.



### O Robot Humano

NUMA RECENTE reunião de cientistas da navegação aérea e de pilotos, os primeiros deixaram claro que gostariam de substituir o pilôto da aeronave por instrumentos e *servo-mecanismos*. Scott Crossfield, um pilôto de provas norte-americano que tinha voado no Douglas *Skyrocket* a 2.136 quilômetros por hora, replicou com esta pergunta:

—Onde é que os senhores poderão achar outro *servo-mecanismo* pesando apenas 68 quilos e dotado de grande adaptabilidade, que possa ser produzido a baixo preço por pessoas sem nenhum preparo técnico?

—*Times* de Nova York, citado em *Business Week*